

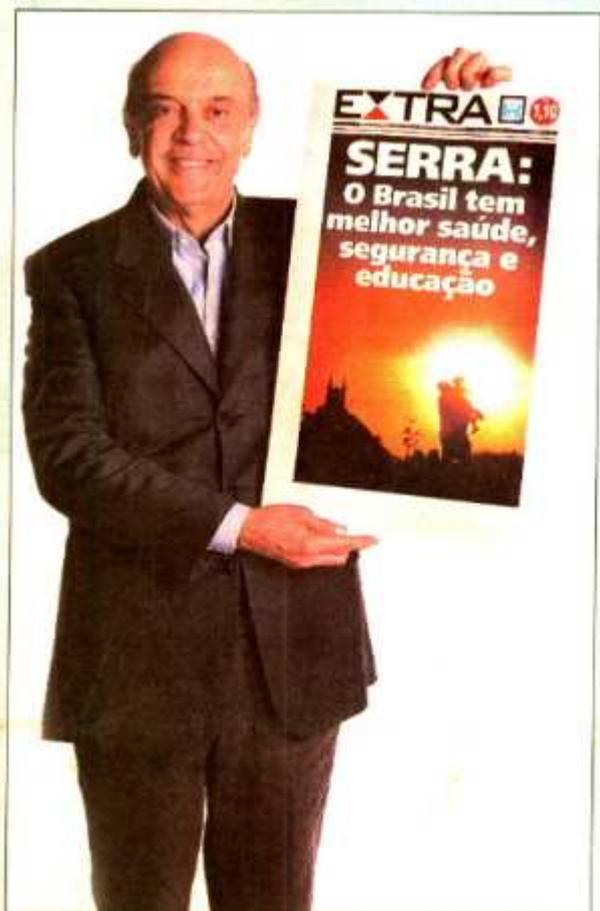
VOCÊ DECIDE

Candidatos dizem qual manchete gostariam de ver
no EXTRA no último dia
de mandato como presidente.

Mas, hoje, quem escreve a história é você

■ Aos três principais candidatos à Presidência da República, o EXTRA entregou uma primeira página em branco, com o pedido para que cada um escrevesse a manchete dos sonhos. Se otimismo valesse votos, Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV) terminariam a eleição empatados. A petista cravou: “Acabou a miséria no Brasil”. Ao tucano, coube: “O Brasil tem melhor saúde, se-

gurança e educação”. Já a verde foi de “Brasil erradica analfabetismo e lidera ranking da educação”. Como não custa nada, outros seis também estão sonhando acordados: Plínio Arruda (PSOL), Eymael (PSDC), Zé Maria (PSTU), Ivan Pinheiro (PCB), Rui Pimenta (PCO) e Levy Fidelix (PRTB). Os 135 milhões de eleitores decidem hoje quem terá a chance de transformar tudo isso em realidade. **PÁGINA 3**



FOTOS MARCELLO THEOBALD



Manchetes em verde e amarelo

Candidatos a presidente, Dilma, Serra e Marina mostram o que gostariam de ler ao fim de seus mandatos

■ ANTERO GOMES

agomes@extra.inf.br

RIO • A manchete de um jornal não se escreve por decreto presidencial. Para irem às bancas, aquelas letras garrafais precisam retratar acontecimentos que mexam com a vida das pessoas. Com a cobiçada caneta do Palácio do Planalto nas mãos a partir de janeiro, o próximo ou a próxima presidente terá, então, quatro anos para escrever, na história política do Brasil, a notícia que gostaria de ver estampada nas capas dos jornais. A convite do EXTRA, os três principais concorrentes — Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV) — elegeram as chamadas que gostariam de ler.

As três manchetes escolhidas são mais sonhos do que promessas. E, como se sabe, sonho não se discute. Mas, como jornalista é chato, procuramos es-

pecialistas para saber se os desejos dos presidencialistas podem virar realidade em quatro anos.

Dilma Rousseff, por exemplo, não hesitou diante da folha em branco. A petista redigiu o que para ela seria a notícia ideal: “Acabou a miséria no Brasil”. Simples e direta, como mandam os manuais de redação.

Mas, para especialistas, Dilma carregou nas tintas. O sociólogo Demétrio Magnoli, por exemplo, acha a manchete inviável. Para ele, programas sociais minimizam a miséria, mas não a eliminam.

— É mais realista reduzir pela metade — avalia Marcelo Néri, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Saúde e educação

Já Serra escolheu citar, na mesma chamada, três áreas que rodeiam o imaginário político há décadas. Para ele, a manchete ideal seria “O Brasil tem melhor

saúde, segurança e educação”.

— É realista. Não fala em termos absolutos, irrealizáveis, mas em termos relativos — diz o sociólogo Bernardo Sorj.

Nem todos concordam, como o sociólogo Cândido Mendes:

— A resposta do Serra é pontual — diz o professor, para quem o rumo do desenvolvimento sustentado está mais próximo da manchete de Dilma do que da de Serra.

Por fim, Marina, a candidata que saiu ainda analfabeta dos seringais do Acre, e, hoje, carrega no currículo escolar uma pós-graduação em psicopedagogia. Com a experiência de quem driblou o atraso social, ela sonha com edição em que se possa ler: “Brasil erradica analfabetismo e lidera ranking da educação”.

— Investimentos em educação levam muito tempo para produzir resultados e, em quatro anos, não vamos erradicar o analfabetismo — diz Sorj.

Candidata durona, mas que gosta de rir



■ Senhora de números e metas, a mulher ex-toda-poderosa do governo

Lula, que fez ministros chorarem após ríspidas discussões, costuma citar bordões de Chaves em reuniões de trabalho. As citações — em tom de brincadeira — referem-se não ao presidente venezuelano, Hugo Chavez, e à revolução bolivariana, mas a piadas de um programa humorístico da TV mexicana que tem como protagonista Chaves, um caricato personagem. Para assessores da candidata, a historinha mostra que ela, tida como uma admiradora de livros e eventos culturais, também tem um lado bem-humorado.

Essa é Dilma Rousseff, que, em sua candidatura, vive os dois lados do Brasil: debruça-se sobre números para afirmar, mostrando um traço de sensibilidade social, que é possível acabar com a miséria nos grotões do Brasil, ao mesmo tempo em que, a reboque de uma campa-

nha milionária, hospeda-se com sua equipe, quando vem ao Rio, no JW Marriott. Uma diária no hotel de Copacabana varia de R\$ 736 a R\$ 2.392.

Redução pela metade

E como acabar com a miséria? Numa primeira leitura, quem vê a manchete sonhada por Dilma, conhecendo bem a fama de durona da petista, pode entender a chamada como uma ordem. Acabou, e pronto. Cumpra-se. Mas, embora a candidata cite um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre pobreza, que projeta para 2016 o fim da miséria no Brasil, o sonho pode não ser tão fácil assim de ser alcançado.

— Em 2003, 28% da população recebia menos de R\$ 144 por mês. Em 2009, 15,8%. Caiu 45% em seis anos. É uma boa taxa. Mas, é mais factível colocar, como meta para 2015, a redução pela metade (em relação a hoje) — diz o professor Marcelo Néri.



Nem freira nem santa. Uma mulher educada



■ Aviso aos leitores: a manchete escolhida por Marina Silva não foi submetida a

plebiscito — promessa que virou válvula de escape da candidata verde, nestas eleições, para driblar temas polêmicos como aborto.

Na verdade, as escolhas têm um papel importante na vida dessa acreana. Marina sonhava ser freira na adolescência, mas sua avó advertia: “Minha filha, freira não pode ser analfabeta”. E a netinha magra e obediente do Seringal Bagaço, que contraiu hepatite três vezes, cinco malárias e uma leishmaniose, sobreviveu — às doenças e aos índices de analfabetismo. Aprendeu a ler e a escrever no Mobral (programa de alfabetização de adultos), mas, enfim, não virou freira, embora Lula se referisse a ela, após as reuniões entre presidente e ministra, como “a santa protetora da floresta”.

A referência era em tom de provocação. Lula achava que Marina só via, falava e respirava

meio ambiente, o que a limitava para o diálogo político. Agora, mostrando que sua candidatura não se restringe ao dilema entre provar que não está verde para a presidência da República e ser verde até a raiz, Marina diversificou. Convidada pelo EXTRA para escolher a manchete que gostaria de ler num eventual governo seu, ela mirou na educação.

— Como melhorar a educação? Elevando a qualidade e a quantidade dos recursos, subindo de 5% para 7% do Produto Interno Bruto (soma de todos os bens e serviços produzidos no país) os investimentos em educação — diz Marina.

Mais paciência

A tarefa vai necessitar de bem mais paciência do que a dispensada pela candidata verde para confeccionar os próprios colares. Em 2008, a taxa de analfabetismo do Brasil era de 2,8% da população entre 10 e 14 anos e de 10%, de 15 anos ou mais.



Experiente, mas Zé não gosta de madrugar



■ A manchete escolhida por Serra segue o padrão tucano nestas eleições: enquanto Dilma sonha acabar com a miséria, e Marina, erradicar o analfabetismo; Serra fala apenas em melhorias... na saúde, na segurança e na educação.

O tom cauteloso não é de hoje. José Serra apareceu na TV, ainda nas primeiras horas do programa eleitoral gratuito, embalado por uma pérola do cancionário eleitoral. “Quando o Lula da Silva sair, é o Zé que eu quero lá”, entoava, numa intimidade voto a voto, o jingle tucano. A exemplo do próprio Serra, que diz demorar a funcionar de manhã, motivo pelo qual costuma acordar depois das 9h, a estratégia de primeiro momento também não emplacou.

O candidato alçou, então, outro voo no marketing político. Nos primeiros debates, andou se bicando com Dilma, enquan-

to, nas ruas, costumava lembrar aos eleitores que vendeu frutas no Mercado Municipal. No debate de quinta-feira, no entanto, teve uma recaída, e amenizou o tom das críticas. E por que a manchete?

— Nos últimos anos, nós andamos para trás nessas três áreas — diz.

Muito o que fazer

Não é bem assim, mas, apesar dos avanços, ainda há muito o que fazer. Segundo a ONG Todos Pela Educação, se continuar no ritmo atual, o Brasil só vai ter, em 2050, 70% das crianças com aprendizagem adequada à série.

Na saúde, há trabalho de sobra. Segundo dados do governo divulgados pela ONU, o Brasil reduziu a mortalidade infantil (menos de um ano de idade) de 47,1 óbitos por mil nascimentos, em 1990, para 19 em 2008. Mas a desigualdade é grande: em 2006, crianças pobres tinham mais do que o dobro de chance de morrer do que as ricas.

